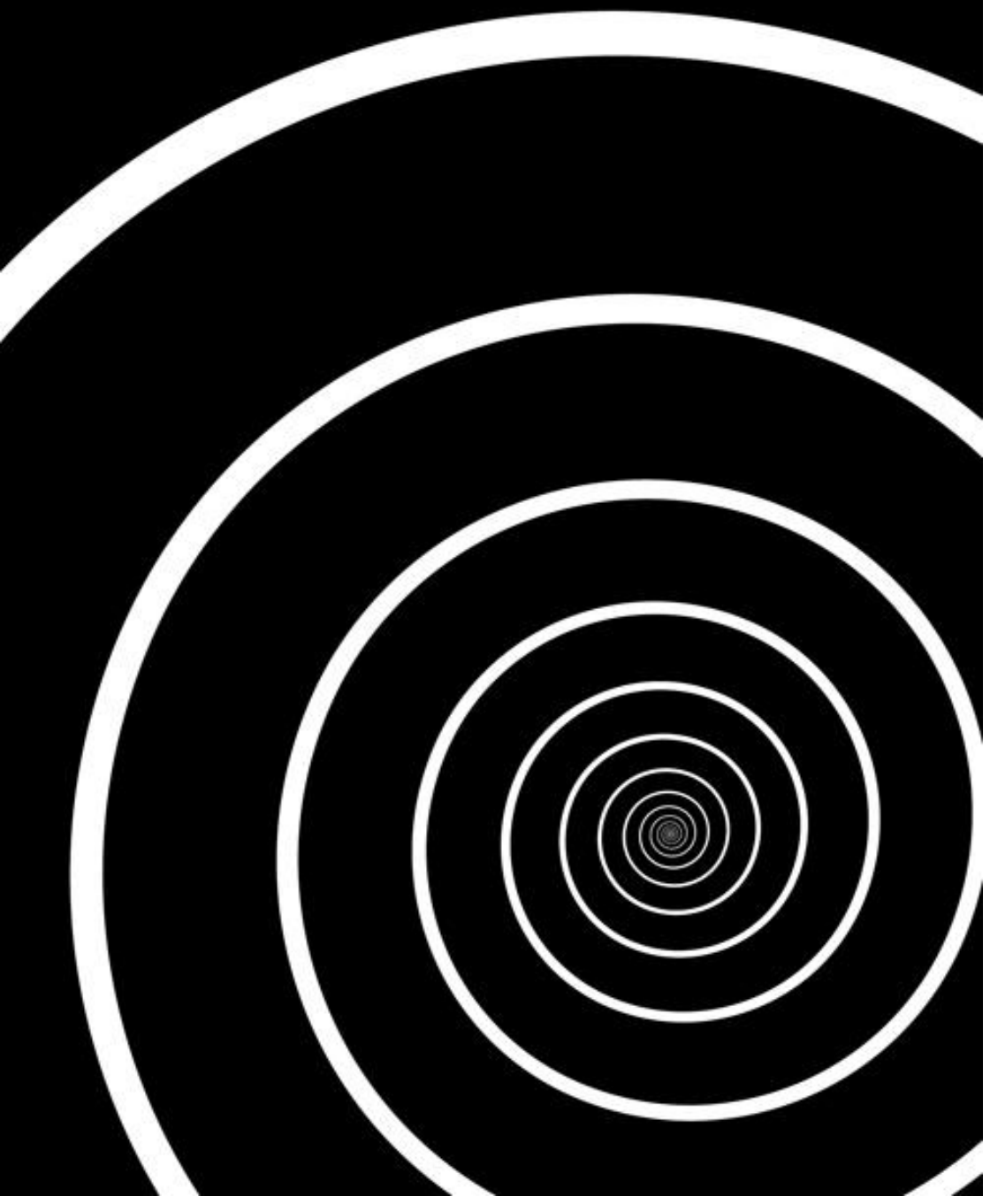


# sonhos e delírios

igor alcantara



Sonhos e Delírios

**Igor Alcantara**

# **Sonhos e Delírios**

1<sup>a</sup> Edição

Igor Raphael de Alcantara

2011

Igor Alcantara

## Sobre este Livro

Sonhos e Delírios

Primeira Edição, 2011

ISBN: 978-85-912003-0-6

Textos de autoria de Igor Alcantara

Capa e arte final: Leonardo L. Sá

Ilustrações: Victor Moletta

### **Contato:**

[leitor@igoralcantara.com.br](mailto:leitor@igoralcantara.com.br)

<http://www.igoralcantara.com.br>

<http://facebook.com/alcantaraigor>

**ATENÇÃO: Este documento contém apenas as primeiras páginas do livro e não a obra completa.**

**Para saber mais sobre este livro e demais obras do autor, acesse a página pessoal do mesmo:**

<http://www.igoralcantara.com.br>

## Sinopse

Uma pessoa pode deter o poder absoluto sobre os sonhos e pesadelos das pessoas. Pode ter acesso à mente de qualquer um e projetar nela as imagens que quiser. *Sonhos e Delírios* é um romance de fantasia e aventura que aborda a evolução do ser humano à condição de uma quase divindade.

Carlos Bourbon nunca teve um sonho ruim em toda sua vida. Ele sonha todas as noites, sempre coisas boas, e consegue se lembrar com detalhes de exatamente todos eles desde o primeiro, aos sete anos de idade. Quando ele conta isso para alguém, é visto como mentiroso. “Uma coisa assim não pode acontecer”, dizem eles. O fato é que isso é verdade.

Aos vinte e sete, Carlos teve um terrível pesadelo, o primeiro de sua vida. Este acontecimento mostra-se mais real do que nunca. O que ocorre depois disso é uma longa e perigosa jornada épica repleta de referências musicais, mitológicas e literárias que vão de Kafka a Gaiman, de Beatles a Jim Morrison, passando por serial killers, monges e loucos.

## Algumas Curiosidades

### Referências Musicais

Existem diversas referências a artistas ou músicas no livro. No Capítulo 23, por exemplo, uma personagem corre por um campo de morangos, em uma alusão à música Strawberry Fields Forever dos Beatles. No Capítulo 31, Carlos pede um vinho a um personagem e recebe como resposta que eles não servem mais aquela bebida desde 1969. Esse é um trecho da música “Hotel California” da banda Eagles. Esses são apenas dois exemplos, mas existem dezenas deles em todo o livro.

### Pessoas Reais

Muitas das pessoas citadas no livro existem ou existiram um dia. Algumas delas possuem o nome, ajudando assim a identificação. É o caso de Ted Bundy, um famoso serial killer norte-americano. Já outras pessoas são descritas em detalhes, mas sem o nome citado. Este é o caso, por exemplo, do jovem poeta que senta-se ao fundo do estranho ônibus azul onde Carlos embarca (Jim Morrison).

### Nada é por Acaso

Nenhum fato no livro é descrito sem um propósito previamente definido. É, por exemplo, citado o ônibus azul com a placa C17H19NO<sub>4</sub>, tendo as iniciais MMT gravadas na frente do mesmo. A cor do veículo refere-se a duas coisas: a uma famosa música da banda “The Doors” e à substância Oximorfina, semi-sintético à base de ópio popular nos anos 1960 e 1970 que causava alucinações e era oferecido em pílulas azuis. A placa do veículo é a fórmula deste composto, que era usado para aplacar as fortes dores sofridas por pacientes psiquiátricos.

# Capítulo 1

Está escuro ao ponto de não poder enxergar nada. Absolutamente nada. Achou que estava dormindo, pois não se recorda de ter ali chegado e nem sabia o que fazia neste lugar. Aliás, que local é esse? Onde estava? Tenta forçar a memória, mas é difícil recordar-se de qualquer coisa que tenha acontecido nas últimas horas.

Do alto do imenso prédio ele podia ver toda a cidade sob seus pés. Era um belo entardecer, mas não fazia ideia do motivo de estar ali parado no terraço. Do topo do edifício de mais de quarenta andares ele apreciava cada árvore, rua, carro e pessoa que avistava à distância. O trânsito nas densas avenidas da metrópole era intenso. Um enxame desordenado de insetos ambiciosos e inconscientes.

Vendo a uma distância tão grande, nem parecia que cada ponto daquele representava um ser vivente e pensante. Cada veículo tinha ao menos uma pessoa, com todo seu universo interior. O que será que cada um daqueles humanos pensava? Quantos não iriam ver a luz do dia seguinte? Por quais problemas passavam? Teria algum deles um segredo inconfessável? Estão felizes? Angustiadados? Desesperados? Ansiosos? Iludidos? Porque tantos carros tinham tão pouca gente neles? Quando o mundo tornou-se tão egoísta? Ou será que sempre fomos assim?

Havia igualmente as árvores. Algumas nativas, mas a maioria jamais viveria naquela região se não fosse a intervenção humana. Cada planta daquela tinha ao seu redor um pequeno sistema biológico dependendo de sua saúde. Insetos, aves, pequenos roedores, todos vivendo naquele micromundo.

Enquanto observava a todos esses detalhes, ele percebeu uma pequena fumaça surgir de uma das árvores mais distantes. Concentrou um pouco

## Igor Alcantara

mais o olhar e viu que uma chama se formava, mas não se importou muito com isso, parecia algo pequeno. Continuou a observar a cidade e entreter-se com seus devaneios.

Entretanto, ele estava enganado quanto à importância da chama. O fogo começou a crescer rapidamente e logo tomou conta de um pequeno canteiro. Mesmo à distância, ele conseguia ver àquilo tudo com um inacreditável nível de detalhe.

Carlos sentiu medo. As pessoas passavam às margens do incêndio e nem ao menos olhavam para o lado. Estariam todos cegos? Perguntava-se ele. O fogo crescia a passos largos e nada era feito. Ninguém ao menos demonstrava tomar conhecimento deste fato. Era como se apenas ele, do alto daquele edifício tão distante, conseguisse visualizar a cena.

- Como não podem ver algo assim se até eu que estou longe vejo?

De longe avistou um pequeno pássaro que saiu a partir da fumaça e fugiu. Levou a mão ao bolso e sacou o telefone celular. Precisava ligar para o serviço de emergência e avisar sobre o ocorrido para que algo fosse feito a respeito. Para seu azar, ao tentar ligar a pressa fez com que ele deixasse cair o aparelho, que se perdeu no espaço a caminho do chão.

O fogo aumentava. Agora a fumaça já era alta e misturava sua cor com as brancas nuvens do céu. As chamas altas já haviam destruído quase uma centena de árvores. Muito menos já teria levado muitas pessoas ao desespero, mas não aquelas, não naquela tarde. Novamente todos transitavam como zumbis, sem nada ver, nada dizer, nenhuma reação demonstrar.

O pássaro que havia saído do meio da fumaça agora voava alto, ele chegou a achar que ia a sua direção. Carlos decidiu gritar por ajuda. Mas ao tentar fazê-lo, percebeu que nenhum som saía de sua garganta. Não

## Sonhos e Delírios

entendia o porquê e tentou gritar com mais intensidade, mas de nada adiantou. Quanto mais forçava a voz, mais sua garganta se mostrava inútil. Nenhum som sequer era emitido. Ao mesmo tempo, o pássaro chegava mais perto.

Seria um pardal, uma andorinha ou um pombo? Que pássaro foi aquele que conseguiu sobreviver ao fogo e ainda continuar um difícil voo para a fuga do incêndio? À medida que o fogo espalhava-se pela cidade, ele tentava sair e descer pelas escadas de modo a pedir ajuda. Mas de repente viu que no terraço do prédio não mais havia portas ou escadas. Como sairia dali agora?

Voltou-se ao batente e teve uma grande surpresa. O fogo já consumia quase toda a cidade. Já não se via mais ninguém, apenas o pássaro, que não era tão pequeno assim. Ao contrário, quanto mais ele se aproximava, mais Carlos percebia o quanto ele era grande. A aparência chegava a assustar, e ele voava em sua direção. Foi então que ele pousou no parapeito do prédio. Era um imenso abutre com as penas do corpo negras e o pescoço branco e cabeça da mesma cor. O tamanho era bem maior do que um abutre comum. Pode-se dizer que chegava a mais de dois metros de comprimento e mais de cinco de envergadura.

Carlos olhou para cima de modo a enxergar o abutre. Não estava com medo, apesar de que uma reação como essa diante de um animal tão grande seria compreensível. Foi então que a ave olhou para ele e falou:

- Corra, ande, corra logo!

Virou-se para trás e não estava mais no terraço do prédio. Era um campo árido preenchido por altíssimas árvores secas. Nenhuma folha foi vista, somente galhos mortos em uma floresta sombria. As árvores não eram tantas, mas o suficiente para tornar sua fuga bastante difícil.



## Igor Alcantara

Olha para o chão e o vê avermelhado, rachado e sem água: estava morto. Tudo era desolação naquele local. O cheiro era cadavérico. Vira-se ao lado e o mesmo abutre gigante devorava as entranhas de uma criança cuja cabeça era a de um elefante. Diante de um Carlos tão assustado, o abutre sorriu e continuou sua refeição.

De repente todo o vale desértico ouve uma voz que grita por socorro. Era uma voz feminina. Bela e ao mesmo tempo desesperada. Ele não sabia por que e nem ao menos se perguntou o motivo, mas sentiu que era sua obrigação ajudá-la e voltou a correr, mas agora com destino à pessoa que clamava por ajuda.

Agora o som é outro. Uma matilha de cães selvagens corre em sua direção. Os corpos desses seres estavam abertos no dorso e podia-se ver seus ossos à mostra. Pequenos pedaços de carne saíam de suas costelas, mas eles pareciam não sentir dor. A pele era como uma cortina rasgada. No local dos olhos havia apenas um buraco, mas isso não os impedia de enxergar Carlos e persegui-lo.

Neste instante em que ele precisava correr cada vez mais rápido foi que suas pernas pareciam não funcionar. O esforço era descomunal, mas ele mal saía do lugar. Corria com todo o vigor, mas cada vez que aumentava a força, a sua velocidade de fuga era menor. E os cães demoníacos aproximavam-se cada vez mais.

De repente o chão começa a rachar e ele encontra mais dificuldades ainda. A terra vai aos poucos engolindo cada uma das árvores e essas gritam como se sentissem verdadeira dor. Eram gritos e sussurros que mais lembravam sons de morcegos agonizantes. O mundo todo parecia desabar para dentro das erosões que se abriam no chão. Ilhas de terra são formadas, separadas por abismos recém-criados. O único que parecia alheio a tudo isso era o abutre que, por mais que Carlos corresse, permanecia ao seu lado, calmamente devorando a carne de algum animal.

## Sonhos e Delírios

Das fendas abertas no solo, começa a brotar um líquido vermelho e denso que ele logo identifica como sangue. Assustado, ele tenta mais uma vez correr, pulando as aberturas na terra até que tropeça. Na queda, fere suas costas em um galho de árvore que estava sendo engolida pelo chão. A dor daquele ferimento foi muito grande e ele percebeu que começou a sangrar. Esse sangue, de cor mais vermelha que o usual, começou a cair de seu corpo e na medida em que se misturava ao sangue brotado da terra, os dois transformavam-se em um líquido negro e fétido. De repente tudo começou a ficar com aquela cor, à exceção do céu, este em um tom de roxo jamais visto.

Os gritos de socorro da mulher desconhecida continuavam. A matilha que o perseguia chegou bem perto e estava prestes a alcançá-lo quando ele conseguiu finalmente correr. A dor tornava mais difícil a tarefa de escapar e salvar a dona daquela voz. Como havia ele chegado a uma situação tão absurda e inexplicável?

Com grande sacrifício, ele pula pelas ilhas de terra firme criadas entre as imensas rachaduras e aos poucos vê uma figura feminina ao longe. Seu esforço parecia finalmente valer algo. Reuniu o restante de sua energia e correu mais intensamente. Por várias vezes quase caiu nos buracos, mas algo parecia conspirar para seu sucesso.

A cada passo aproximava-se mais da mulher. Correu tanto que chegou perto dela. Tão perto que foi capaz de vê-la amarrada de costas a uma árvore. Era jovem e bela, disse ele sabia mesmo sem ter visto seu rosto. Cerca de três cães a ameaçavam. Estavam preparados para o ataque.

Esses eram semelhantes aos cães que o perseguiam: olhos vazios preenchidos por um buraco nas órbitas, aparência magra e corpo com pele rasgada com ossos e músculos à mostra. Entretanto, havia algo que ele só notou naquele momento: ao invés de patas caninas aqueles animais tinham pés humanos cobertos por grossas camadas de pelo.

## Igor Alcantara

A jovem desconhecida tinha sua vida nas mãos de Carlos. Ele, em um ato de coragem, chega ao lado dela e começa a desamarrá-la. Os cães aproximam-se para atacá-lo e ela vira o rosto para adverti-lo do perigo. Todavia, ao tentar fazer isso, uma nova abertura surge no chão e ele é engolido por tal. E nem ao menos conseguiu ver o rosto dela.

Ele caiu por muito tempo até que olhou para baixo e viu nas paredes do fosso um conjunto de bocas repletas de dentes que engoliam tudo o que ali caía. Uma boca estava dentro da outra em uma sequência infinita.

Foi que na iminência de ser devorado que ele acordou. O despertador o chamava para mais uma rotina diária. Levantou-se aliviado e foi logo ao banheiro para escovar os dentes e tomar um banho rápido. Como sempre o alarme havia despertado por vários minutos e ele estava mais uma vez atrasado para o trabalho.

## Capítulo 02

Carlos jamais havia tido pesadelos antes. Quando contava isso às pessoas, sempre surgia alguém com alguma explicação. "Você teve pesadelos com certeza, mas não se lembra deles", diziam uns. "É normal a nossa mente bloquear lembranças ruins", filosofavam outros. Mas nada disso o convencia. Ele sabia que em toda sua vida apenas sonhos bons o haviam acometido.

Achou-se sempre um privilegiado por isso. Estudos dizem que pesadelos são importantes para preparar a pessoa para dificuldades reais no dia-a-dia. Pesadelos funcionam como um treinamento ou simulação de dificuldades diversas. Mas ele não se importava com aquilo. Com ele ocorria o oposto. Quando tinha problemas na vida pessoal, sabia que ao dormir tudo estaria bem, pelo menos nas poucas horas de sono.

Outro fato curioso sobre Carlos é que ele conseguia lembrar-se de todos os sonhos que teve em sua vida. As outras pessoas esquecem um sonho minutos ou horas depois de acordadas. Mas não ele. Cada detalhe de cada sonho que teve desde seus sete anos de idade, ele lembra como se tivesse acabado de sonhá-los.

Aquela noite, todavia, tinha sido diferente. Pela primeira vez em seus vinte e sete anos de idade ele havia tido um pesadelo. Não bastando isso, ele nunca havia sonhado com algo que parecesse tão real. Aquilo o intrigava, mas tentava evitar pensar no fato, imaginando que como todas as pessoas tinham pesadelos, mais cedo ou mais tarde com ele deveria acontecer o mesmo.

Estava tão atrasado que mal teve tempo para tomar banho. Molhou-se por alguns segundos, vestiu-se rapidamente, pegou uma maçã e atirou-se no carro. No caminho, distraiu-se pensando nas cenas que sua mente

## Igor Alcantara

havia produzido. A imagem do abutre não saía de sua cabeça. Era como se a ave o conhecesse de longa data. Nem os cães, nem o chão se abrindo ou brotando sangue o assustaram mais que o sorriso misterioso do abutre.

Entretanto, o que mais ocupava seus pensamentos era a identidade da mulher que pediu por socorro. Porque ela parecia tão real? Lembra-se de todos os sonhos que teve em sua vida e jamais uma imagem havia sido tão viva, marcante e verdadeira quanto à daquela jovem amarrada à árvore, ameaçada pela matilha.

Sem perceber já havia estacionado o carro e correu para tomar o elevador. Seguiu rumo ao sétimo andar. Carlos trabalhava desde alguns anos nesta empresa de engenharia. Havia sido seu terceiro emprego, pouco depois de concluir a faculdade. A empresa não era grande, mas o ambiente de trabalho era amigável e o trabalho desafiador, o que representava um atrativo.

- Oi Carlos, atrasado de novo? - Saudou, rindo, sua amiga Bárbara.

- Acordei tarde mais uma vez. Mas foi diferente, estranho - Respondeu.

- Diferente? - A curiosidade, sobrenome das mulheres, falou mais alto.

- Sim, tive um pesadelo muito estranho.

- Pesadelo? Eu ouvi direito? O Senhor Carlos Bourbon, aquele que se gabava de nunca ter tido um pesadelo, finalmente teve um? - Respondeu, de forma sarcástica.

- Sério Bárbara, não zombe disso.

O diálogo é logo interrompido com a chegada do Sr. Basílio, diretor da empresa. Ele cumprimentou a ambos e perguntou sobre o projeto que

## Sonhos e Delírios

precisavam entregar no dia seguinte. O mesmo ficou satisfeito ao saber que estava tudo muito bem encaminhado e provavelmente estaria pronto antes do final do dia.

Basílio tinha por volta de sessenta anos de idade e herdou a empresa de seu pai. Desde o início precisou lidar com a desconfiança de muitas pessoas, de funcionários a clientes. Todavia, com seu jeito gentil e doce, conquistou a todos e mostrou-se um excelente administrador, mesmo sem entender muito das áreas de engenharia e arquitetura. Ele entendia de pessoas e isso era o que guiava seu sucesso.

Carlos estava sentado à mesa finalizando o trabalho encomendado por um cliente quando sentiu um tapa em suas costas. Era Gustavo, colega de trabalho e amigo desde a infância. Ambos conheceram-se por acaso. Carlos havia se envolvido em uma briga e Gustavo, que passava próximo, veio ajudá-lo por ver que o futuro amigo estava em desvantagem numérica. Nasceu assim uma amizade de duas pessoas que eram como irmãos. Estudaram na mesma escola por vários anos até que decidiram pelo mesmo curso universitário, no qual se formaram juntos.

Ao receber o tapa nas costas, Carlos sentiu uma incômoda dor. Pediu então para que o amigo não fizesse mais aquilo, pois havia exagerado na força. Gustavo não entendeu o pedido e respondeu que foi apenas um gesto amigável, jamais colocaria força além da necessária em uma brincadeira assim.

Neste momento, Carlos passou a mão às costas e ambos viram algo que os intrigou, muito mais a ele do que a qualquer outra pessoa. Havia pequenos pontos de sangue que manchavam levemente a sua camisa. Decidira vestir preto no dia, por isso as marcas eram quase imperceptíveis. Foi então ao banheiro de modo a limpar-se.

## Igor Alcantara

Qual não foi sua surpresa ao olhar ao espelho, já sem camisa, e ver um corte profundo, mas já em cicatrização, em suas costas. Sentiu um enorme calafrio. Passou a mão e notou que ainda estava úmido. Quando acordou, estava tão atrasado que nem notou tal corte. Lembrou-se do pesadelo e do momento em que caiu e feriu-se com um pontudo galho de árvore. Haveria mesmo sido apenas um sonho?

A dúvida era se contava a alguém ou se guardava para si. Por mais que tivesse amigos como Gustavo e Bárbara, em quem podia confiar, tinha medo de ser taxado de esquisito ou mesmo de louco. Sabia que tal história não tinha o menor nexo. Era tão absurdo pensar algo assim que ele mesmo começou a achar que fantasiou o pesadelo por demasia e que o corte não passava de coincidência. Entretanto, não existe algo assim no mundo, tudo ocorre com um propósito.